

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



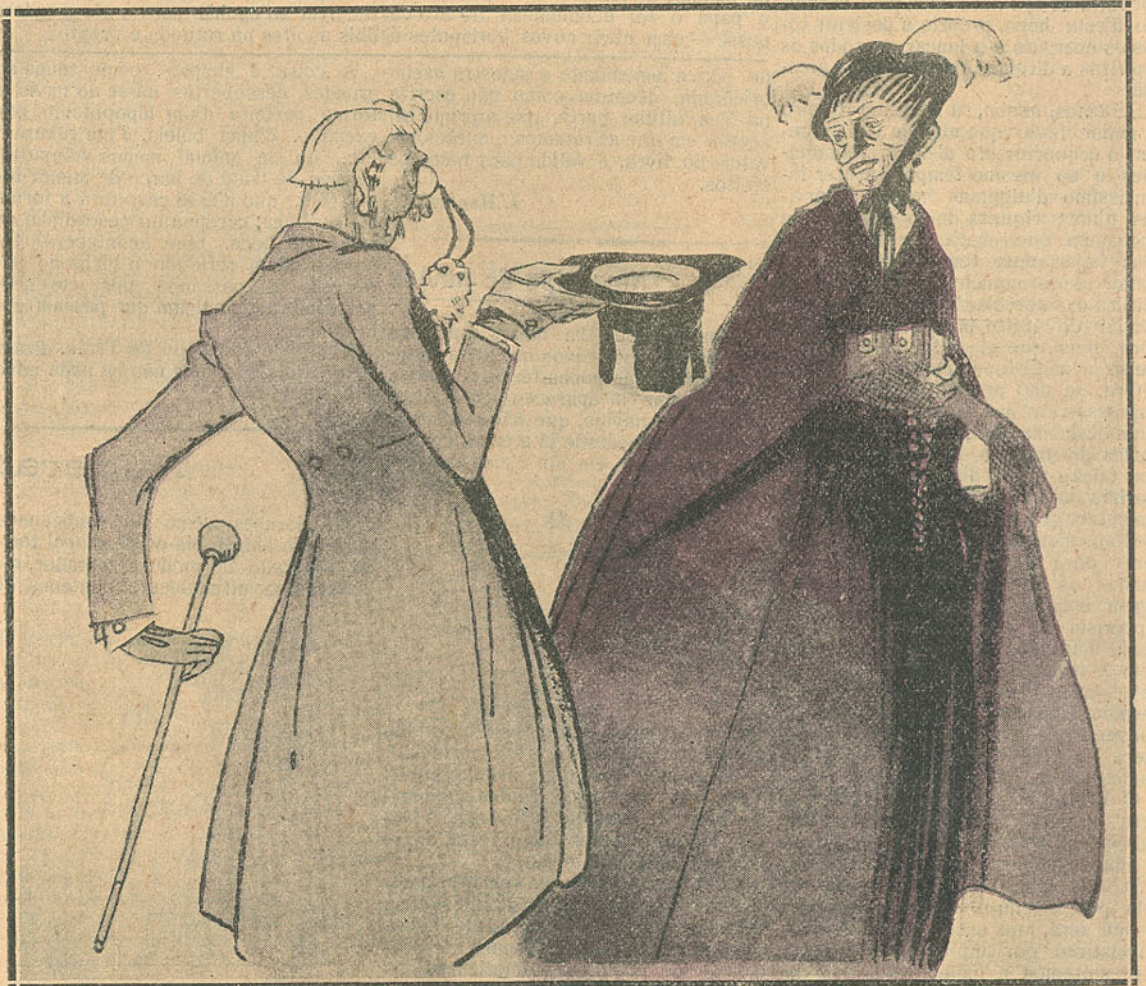
Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRAGA, Limitada

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Século, 43—Lisboa

Os divorciados



O ESTADO:

—Quem é que faz as vontadinhas á sua antiga mulhersinha, quem é?

A EGREJA:

—Pois sim, mas enquanto não casares outra vez comigo não me dou por satisfeita...



PALESTRA AMENA

Belas-letras

Acabamos de ler d'um folego—tal a beleza evidenciada logo nas primeiras linhas—um romance que enfileira com honra ao lado das obras de Camilo, Julio Diniz, Eça de Queiroz e Malheiro Dias: *A via sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, cujo nome traziamos associado na memoria a factos com que a literatura nada tem que vêr, posto que do escritor alguns trechos conhecessemos, de alta valia, espalhados em revistas literarias.

Foi uma revelação para nós, não decerto para quem houvesse lido o *Jardim das tormentas*, o seu primeiro livro e cremos que o unico publicado antes da *Via sinuosa*; e além de revelação foi uma consolação, porque em nossa sinceridade e tristeza julgavamos morto o romance entre nós, não talvez por falta de aptidões mas pelo desanimo d'esta hora, proprio a destruir todas as energias e a lançar em todos os espiritos a duvida terrivel sobre o amanhã.

Devemos, assim, a Aquilino Ribeiro o maior favor que alguém pode receber: o esquecimento d'essas preocupações e ao mesmo tempo o prazer intensissimo d'algumas horas, absorvidas n'uma riqueza de concepção e de linguagem que chega a esmagar-nos. Bem haja quem tem o poder de nos abalar de tal maneira e quem não necessita das apreciações impressas para avaliar do efeito produzido pela sua obra, pois que ele foi, decerto, o primeiro a senti-lo e a gosar com ele.

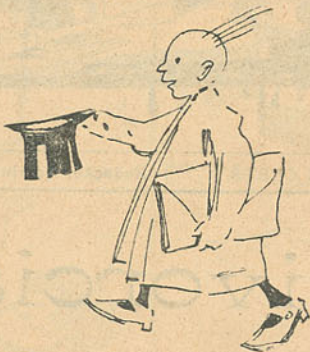
Ora, se não precisa de apreciações impressas, a que vem este aranzel d'um desconhecido para o autor e d'um conhecido para o publico, sim, mas por feição muito diferente da de noticiaria ou critico literario? Vem para lamentar que a Arte domine de tal modo os seus eleitos que os não deixe fazer obra para toda a gente. Explicando: os autores realistas não transigem com a ignorancia nem com a hipocrisia do publico—no que fazem bem; mas não transigem igualmente com a tradição e as convenções estabelecidas, e se tal procedimento é respeitabilissimo, não deixa de ter inconvenientes, porque restringe o numero de freguezes á sua obra—digamos assim, comercialmente.

O defeito, se assim o considerarmos, será do publico e não do autor, bem sabemos; este não tem culpa de que a educação geral seja errada, de que seja tida como feia e para não ser lida por ingenuos tal ou tal palavra. Assim será, mas esses prejuizos ainda subsistirão por muito tempo e por isso soltamos a lamentação, pois desejariamos que não houvesse portuguez que não lesse *A via sinuosa*, para se sentir honrado de ter nascido n'uma terra onde se escreve uma obra de tal magnitude.

Se, porém, autor e leitores julgam

Brincando aos ministros

Louvamos calorosamente o sistema inaugurado pelo chefe do Estado de se rodear de inocentes, visto que os experientes já deram o que tinham a dar: assim, a nomeação d'um ministro



de 22 anos de idade — tão novinho que o papá o foi acompanhar ao ato da posse — vem abrir novos horizontes á

de pouca amenidade a palestra assim orientada, dêem-na como não escrita na sua ultima parte, que a primeira, aquela em que afirmamos o excepcional valor do livro, é valida para todos os feitos.

J. Neutral.

Novo tipo de navios

Temos estado ha mezes ansiosos por que os americanos inventem qualquer coisa que ponha termo á guerra. Tardou mas lá apareceu agora: é um novo tipo de navios, que não se afunda, procedendo-se desde já a experiencias, que consistem em um d'eles atraves-



sar os oceanos, muito bem escoltado para evitar ataques dos submarinos.

Vê-se que não é um invento por af além, pois que o perigo dos submarinos subsiste, mas em todo o caso a boa vontade do inventor é manifesta, o que já significa alguma coisa.

E já agora saibam os senhores americanos que cá por casa tambem se trabalha e que se estivemos até agora calados foi precisamente para não prejudicar os inventores americanos nas suas locubrações. Tambem nos temos occupado do assunto e descobrimos nem mais nem menos do que varios tipos de navios destinados a iludir os submarinos que, por consequencia, nunca se lembrarão de os atacar.

politica, da qual muito temos a esperar.

E' pena que a providencia se não alastre ás restantes pastas, porquanto não ha duvida de que os outros ministros já são maduros; não duvidamos, porém, de que a novidade dê tão bom resultado que em breve seja convidado o nosso Manecas para presidente do ministerio e os colegas sejam escolhidos entre meninos de berço.

O que, provavelmente, terá de acontecer é mudarem-se as pastas, adequando-as tanto quanto possivel aos novos titulares, substituindo-se as antigas por outras, do seguinte modo: Interior—Cueiros e Fraldas; Guerra—Soldadinhos de Chumbo; Marinha—Barquinhos de Papel; Subsistencias—Maminha; Estrangeiros—Chichi; etc.

Para paiz de bebês, como é o nosso, este ministerio está indicado; ha-de passar por crises, como os de adultos, por exemplo: quando algum ministro estiver com os dentinhos ou fizer o seu galo na testa, mas ao menos haverá a vantagem de não ser necessario recorrer ao canhão para o pôr a andar: dois açoites na rotunda e pronto!

A coisa é simples, como todas as grandes descobertas: dá-se ao navio a forma perfeita d'um hipopotamo, por exemplo, d'uma baleia, d'um tubarão, etc., ou de animal menos volumoso, quando se trate de barco de menor tonelagem, que n'esse caso terá a forma de sardinha, carapau ou pescadinha de rabo na boca. Que acontecerá? Os boches vêem refletido o bicho no periscopio e passando por ele nem por sombras imaginam que passam pelo inimigo.

E' a ideia do cavalo de Troia, dirá o leitor. Pois sim, mas não ha nada novo debaixo do sol.

Pudera!

Os jornaes veem alarmadissimos porque a hidrofobia em Portugal tem-se alastrado de modo assustador, registando-se ultimamente centenas de



casos de pessoas que se teem danado.

Outrem se admire, nanja nós. Primeiro: porque não fazemos outra coisa senão morder-mo-nos uns aos outros; segundo: porque todos somos danados.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Cuntinúa a politega de tulerancia sigundo afeturei duma pessa que á dias oiui nu triato Avenida, xamada *A filha da sinhora Angou*, que istá xeia de piadas á republica i ca otoridade dechou arrepresintar.

Ce foçe nu tempo do sr. Afonso Costa deserto nan ce concentia cu Almeida Cruz fazesse uns verços a dez-zer:

Não valia a pena
Por vida minha,
Não valia a pena, não,
Mudar de governo a nassão!

Alem diço tamem ce largam viscas ós cuspiradores i muntas oitras indiretas que bem ce vé cus ótores ção talaças dus quatro custados.

Intão a pessa é çó pulitega, préguntará tu? Não, Zefa, é tamem recriati-ve i perniativa, isto é, cerve para recriar a vista cun a isoposição de pername inclusivelmente u da D. Itelvina Serrg, que amostra as pernas inté ó pescosso, apezar da criteca i do pulvico dezerem ca pessa nã tem as imuralidades das pessa mudernas.

Ora ben. Oje nã tanho tempo pra me alargar munto, pur iço te dizerei ca D. Pancada nã ten pancada ninhu-uma, ó contrario du cu papel inzije i cu Zé Ricardo istá ainda um rapaz que inté ce bate cu a Itelvina cumo um ca-tita i que cun isto não te infado mais i cem mais aquelas teu isposo lial i munto iscamado pur não aver batatas.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama de Pêras-Ruivas

"BRISTOL"

Ha quem se queixe da decadencia da nossa literatura, mas sem o menor motivo. Agora mesmo se nos depara um trecho de estilo quasi sublime, a proposito da abertura d'uma casa de batota ali para as bandas de Santo Antão. A proposito da sala do 1.º andar:

«A luz faz realçar a beleza do colorido e a homogeneidade do todo, impregnado do tom meridional, alegre, vivo, exuberante de colorido e vida.»

E os criados?

«As fardas do grande pessoal do *Bristol*, em azul e encarnado, azul cõr do céu luzitano e encarnado cõr do sol no poente com as suas manchas douradas dos botões, fardamentos que fazem sobressair o branco irrepreensivel dos peitinhos e das gravatas...»

O 2.º andar é que é o diabo:

«... salão de 150 metros, destinado aspeto dos civicos—provavelmente tro-carão o revolver pelo canhão—mas

EM FOCO

As andorinhas



*Como as tardes já fossem para amôres
No dôce Portugal, todas em bando
Voaram, nossas terras demandando,
Tão propicias ás aves como ás flôres.*

*Procuraram beirais acolhedores
Onde seus ninhos fabricassem, quando
O céu, ha pouco tempo azul e brando,
De novo se encobriu de negras côres.*

*O bando, não supondo terminada
A chuvosa estação, de onde viera
Já procurava a salvadora estrada;*

*Mas n'isto, entre festões de folhas de hera,
Debruçou-se á janela a minha amada
E ele ficou: surgira a Primavera!*

BELMIRO.

deixar-se atentar. E' de ouro e branco, de marmores e grandes espelhos, de *plafonds* artisticos e cheio de luz, como que dizendo ao visitante «esperança e desilusão» mas é uma bela sala de *club*».

Vêem? literatura temos nós em bar-da; o que nos falta é juizo.

Reforma da policia

A's horas em que o leitor estiver saboreando com infinito prazer as deliciosas paginas do *Seculo Comico*, já a reforma da policia deve ser um facto — e lamentavel, facto, por sinal, visto que ela se realisa sem termos sido consultados.

Estamos a ver: alteração de uniforme, instrução, talho de barba, novo armamento, e coisas semelhantes, serão as bases da reforma. Assim, mudará o

continuarão na mesma as relações entre o povo e os civicos, isto é, quando a policia disser «sim» o povo dirá «não» e vice-versa.

Ora, não é nada d'isso o que convem, mas sim um acordo definitivo, eficaz, garantia da ordem. E como se pode chegar a esse resultado? Com as bases seguintes, que conseguimos estabelecer depois de muito meditar.

Base 1.ª—Os ladrões, assassinos e mais cavalheiros cuja existencia justifica a da policia civil, escolherão hora e local proprios para as suas façanhas.

Base 2.ª—Os delinquentes acima citados, que desejem ser presos, avisarão previamente a policia d'esse seu desejo.

Base 3.ª—As vitimas jámais apitarão, gritarão «ó da guarda!» ou perturbarão de qualquer modo a harmonia social.

Creemos ter assim resolvido o problema da ordem, sem aumento de pessoal nem incomodo de maior para a auctoridade e para o publico.

Um poeta

Não temos nada com a vida alheia, mas não nos sofre o animo o calar por mais tempo que, por vezes, nos annuncios e reclamos commerciaes que apparecem nos periodicos se revelam poetas de grande valor.

Ora então, tenham a bondade de ler a seguinte quadra:

A MODA?!

Menina da moda gentil!!!
De toilette bem travadinha!!!
Por força tem que do Brito!!!
Usar da moda a malinha!!!

Que tal? Apostamos em como d'aqui a pouco está a escrever alguma revista do ano...

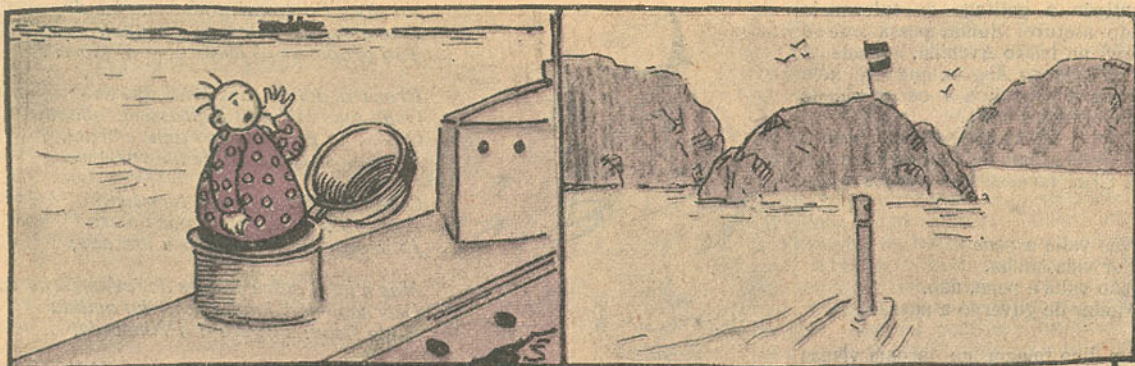


MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.^a Parte2.^o Episodio

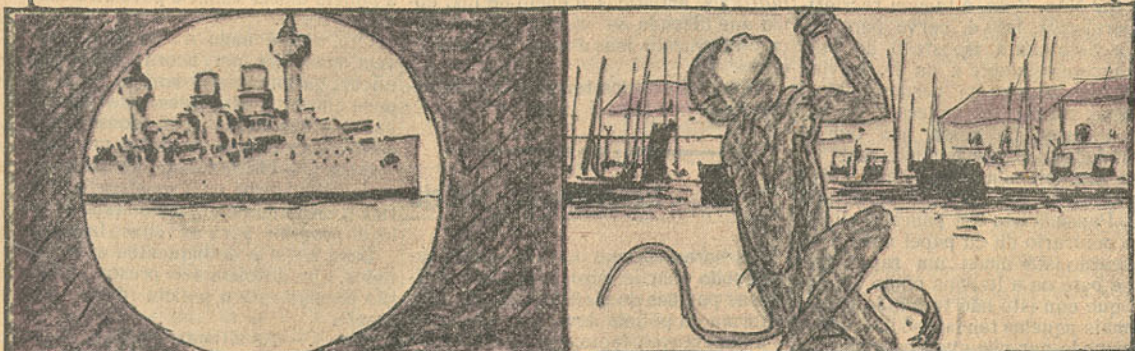
A. MACACARIA

(Continuação)



1.—Manecas, com o fito de não deixar boche vivo, volta ao submarino

2.—e dirige-se á ilha da Malandrolândia, uma das bases mais poderosas das operações alemães.



3.—No caminho avista, periscopicamente falando, um couraçado inimigo

4.—e logo manda a nado um dos seus mais audazes marinheiros, encarregado de trepar ao couraçado e aí lançar uma bomba.



—5. Quem desconfia das intenções d'um macaco? Ninguém. De modo que o marinheiro colocou a bomba no convez.

6.—e bumba! O couraçado ficou reduzido a terra, ossos, podridão e bichos!

(Continua).